

Doutrina de Deus: Atributos de Deus (Parte 19): Aplicação da Santidade de Deus

Seção 03 / Aula 19

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 10/04/2024, 19:45:00 (horário de São Paulo)

Aula original: July 29, 2015

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 03](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Perguntas sobre santidade e mandamentos

Da última vez, olhamos para o primeiro dos atributos morais de Deus – a santidade de Deus. Articulei uma teoria ética não voluntarista do comando divino, segundo a qual o próprio Deus é o bem maior e o é essencialmente. Sua natureza se expressa para conosco na forma de mandamentos divinos que constituem então nossos deveres morais. Sugeri que isso não apenas fornece um relato satisfatório de valores e deveres morais objetivos, fundamentados em Deus como o mais alto tribunal de apelação, mas também nos permite compreender de maneira consistente os exemplos, de outra forma muito perturbadores, nas Escrituras, onde Deus ordena às pessoas a fazer coisas que, se feitas por sua própria iniciativa, seriam pecaminosas.

Sugeri que em casos como este Deus tem a capacidade de ordenar a uma pessoa que faça algo que, se ela não tivesse ordenado, teria sido errado. Mas, dado o mandamento de Deus, torna-se dever moral dessa pessoa cumpri-lo. Sugeri que esses mandamentos são sempre consistentes com a natureza perfeitamente amorosa, compassiva e justa de Deus, para que possamos não precisamos temer que Deus possa derrubar completamente a lei moral e tornar o ódio bom e o amor mau, por exemplo. Agora, há mais comentários ou perguntas sobre isso antes de examinarmos alguma aplicação desse atributo?

Estudante: Eu tinha feito a você na semana passada uma pergunta sobre as diferentes declarações nas Escrituras de que Deus não é parcial com uma pessoa em comparação com outra pessoa. Esse é um tema, eu acho, que você vê em todas as Escrituras. Está em vários lugares do Novo Testamento e do Antigo Testamento também. Eu me perguntei como você conciliaria isso com, por exemplo, as ordens para matar as crianças cananéias e poupar as crianças judias. Essa é uma pergunta. A outra pergunta que tive foi: qual é a sua opinião sobre a posição que alguns filósofos cristãos assumiram de que as descrições da destruição dos cananeus são uma hipérbole?

Nicholas Wolterstorff (acho que é um cara que falou em uma de suas conferências aqui) e Matthew Flanagan argumentaram isso. Paul Copan, eu acho, argumenta isso. O que você acha dessa posição? Dr. Craig: Vamos analisar a segunda primeiro. Esta é uma visão muito atraente – não é? – para dizer que Deus realmente não emitiu esses comandos. Isso é apenas uma hipérbole. Por exemplo, Paul Copan dará um exemplo: quando um time de basquete de uma escola secundária diz: “Nós os massacramos ontem à noite”, isso não significa que eles realmente mataram essas pessoas.

Foi apenas uma forma hiperbólica de dizer que venceram. Paulo afirma que isso é muito típico nos relatos militares do antigo Oriente Próximo. O vencedor dirá que aniquilou totalmente o outro lado; eles os destruíram completamente. Mas não é literalmente verdade. O que alguns, que você mencionou, diriam é que esses mandamentos não deveriam ser interpretados como ordens literais para matar todos os homens, mulheres e crianças que ficaram para trás, e que na verdade esses mandamentos não foram interpretados literalmente e não foram cumpridos porque há muitos cananeus mais tarde na narrativa que ainda estão por aí, ainda vivos e na terra.

Como eu disse, esta é uma visão tentadoramente atraente porque torna muito fácil livrar Deus da responsabilidade, por assim dizer, dizendo que isso é hiperbólico. Espero que esteja certo! Eu acho que isso seria maravilhoso. Mas não estou convencido de que isso seja certo. Uma razão é que quando olho para os supostos textos paralelos oferecidos sobre relatos militares no antigo Oriente Próximo, parece-me que eles não se aproximam em nada do tipo de mandamentos dados aqui nas Escrituras que parecem ser tão inflexível em matar não apenas as pessoas, mas também o gado e os outros animais e assim por diante.

Estas são muito diferentes das declarações feitas, digamos, pelo faraó egípcio de que eles aniquilaram totalmente o inimigo. Eu gostaria que houvesse alguns paralelos mais convincentes na literatura extrabíblica para esses mandamentos que são obviamente não-literais, e eu não os vi. A outra coisa que me perturba está no relato de quando Saul deveria matar as pessoas e os animais, o gado, você deve se lembrar que o profeta Samuel chegou ao local e Saul não tinha feito isso. Ele ouve o balido das ovelhas e das vacas e assim por diante e diz: O que é isso?

Por que você desobedeceu ao Senhor? Por que esses animais são poupados? Ele repreende Saul e o faz cumprir as ordens. Parece haver um exemplo bastante claro de que esses mandamentos deveriam ser literalmente cumpridos. De outra forma, é difícil entender o descontentamento de Samuel por Saul não ter feito isso. Portanto, prefiro considerar o pior caso possível. Costumo fazer isso em apologética. Eu digo: “Vamos supor o pior”. Vamos supor que esses mandamentos sejam literais e que isso é exatamente o que Deus queria que fizessem. Podemos fornecer um relato bíblico e consistente que dê sentido a esses mandamentos éticos?

Acho que o relato que ofereci faz isso. Se eu estiver incorreto – se estes não forem literais e forem meramente hiperbólicos – então digo, melhor. Isso é ótimo. Estou aberto para ser convencido. Mas mesmo tendo em conta o pior cenário, penso que podemos mostrar que não há incompatibilidade entre o fato de Deus ser uma pessoa amorosa e justa e sua emissão desses comandos. Quanto à parcialidade, como disse na semana passada, os mandamentos para ser imparcial ou que diz que Deus não mostra parcialidade para com as pessoas não pretendem implicar que Deus trata todas as pessoas igualmente.

Dei o exemplo de Jacó e Esaú de Romanos 9, que lemos anteriormente, onde ele selecionou Jacó como o herdeiro através do qual a linha da promessa continuaria e Esaú foi rejeitado. Deus tem a capacidade soberana de fazer isso. Nem todo mundo é tratado da mesma forma na vida. Algumas pessoas morrem jovens, outras vivem até uma idade avançada. Alguns sofrem de doenças debilitantes ao longo da vida, ou de pobreza, ou de fracasso. Outros têm vidas prósperas e bem-sucedidas. Deus não tem nenhuma obrigação de tratar a todos exatamente da

mesma forma. Onde eu acho que Deus é imparcial, e isto é um reflexo da minha teologia mais Wesleyana, é que penso que Deus quer que cada pessoa que ele cria seja salva.

Ele não escolhe arbitrariamente dentre a massa da humanidade algumas pessoas eleitas para serem salvas e ignora o resto e os deixa ir para o inferno. Em vez disso, Deus dá graça suficiente para a salvação de cada pessoa que ele cria e ele deseja e trabalha para a salvação de cada pessoa que ele cria. Penso que isso é uma imparcialidade fundamental da parte de Deus, mas não exige que, à medida que ele elabora o seu plano soberano para a história humana, a sorte de todos na vida seja a mesma. Deus tem o direito soberano de permitir que algumas pessoas morram na infância e outras vivam até uma idade muito avançada e ninguém pode alegar que elas têm algum tipo de direito a uma longa existência terrena.

Não há nada nas promessas de Deus que diga que eles têm o direito de reivindicar tal coisa. Na verdade, paradoxalmente, eu diria que aqueles que morrem jovens e vão para o céu são realmente mais felizes do que aqueles que lutam nesta vida terrena durante muitas e muitas décadas e finalmente vão estar com o Senhor. Aluno: Gostaria de chamar a sua atenção para a história de Jesus sobre o homem rico e o pobre mendigo Lázaro que estava sentado à sua porta. Ele conta que os dois morreram e o rico acabou em um lugar não bom e o pobre mendigo acabou sendo consolado.

Jesus disse: Em sua vida você teve todas as coisas boas, agora você está em tormento. O pobre mendigo Lázaro não tinha nada e agora está sendo consolado. Se isso não é consertar as coisas, não sei o que é. Diz apenas que parcialidade não significa apenas aqui. Significa parcialidade total. Dr. Craig: Esse é um ponto muito bom. Estamos tão focados – não estamos? – em nossa existência finita aqui neste planeta, quando comparada à eternidade divina, esta vida é um piscar de olhos infinitesimal em comparação com o tempo que passaremos na eternidade com Deus.

Aqueles que sofrem horivelmente nesta vida – digamos, vinte e cinco anos de câncer debilitante – na vida após a morte terão esta recompensa esmagadora que fará com que os sofrimentos desta vida se desfaçam numa trivialidade infinitesimal em comparação. Você está certo ao chamar nossa atenção para o fato de que nosso estado terreno é infinitamente breve comparado ao tempo que estaremos com o Senhor na eternidade. Aluno: Acho que é um erro tirar a conclusão que o que passamos nesta vida é tudo o que vamos passar. Isso não é verdade. Dr. Craig: Certo.

Isso está exatamente certo. Aluno: Vários pontos surgem na minha cabeça, mas vou ser rápido. Ninguém reclama do dilúvio, mas às vezes Deus tem que ser Deus. Se você quiser pegar, e eu concordo com sua abordagem no pior caso, mas na mitigação você tem situações de casamentos mistos com essas pessoas que ocuparam a terra, e passando pelos Reis e pelas Crônicas você vê que essas pessoas permaneceram. Portanto, houve sobreviventes desses grupos. Esse seria o segundo ponto. O terceiro ponto é que, para os críticos, é preciso ter uma marca moral para poder julgar se Deus está agindo corretamente ou não.

Isso levanta a questão – de onde vem isso? Dr. Craig: Deixe-me comentar isso brevemente porque este é um bom ponto. O que você está dizendo é: como o ateu ou naturalista está em posição de dizer que Deus fez algo errado aqui? Porque, à parte de Deus, como você fundamenta valores e deveres morais objetivos de modo a dizer que Deus fez algo que está

errado? Numa visão ateu não há nada de errado com o que aqueles soldados israelitas fizeram. Como diria um pastor – acho que Douglas Wilson era o nome dele, que frequentemente dialogava com Christopher Hitchens –: O universo não se importa.

Num universo moralmente neutro, não importa quem é massacrado e quem não é. Essa é uma boa opinião. Como devemos entender essa objeção então? Acho que a maneira de entender a objeção é o ateu dizer: Vocês, cristãos, acreditam em Deus e acreditam que ele é todo amoroso e justo. No entanto, ele emite esses comandos. Você tem uma inconsistência interna em seu sistema. É assim que eu entenderia a objeção – que o teísmo bíblico é internamente inconsistente ao afirmar que existe um Deus justo e amoroso e, ainda assim, afirmar que ele emitiu esses mandamentos.

O que isso significa é que tudo o que você precisa fazer é fornecer uma possível teoria moral (uma possível explicação) que mostraria que não há inconsistência. Você não precisa mostrar que é verdade. Você só precisa mostrar que é possível. Então a inconsistência seria resolvida. Percebi em meu diálogo com Lawrence Krauss, onde ele continuou trazendo isso à tona, que ele realmente não entendia nem mesmo sua própria objeção. Porque no final, ele estava bastante disposto a admitir: Sim, o que você está dizendo é consistente, mas isso não significa que seja verdade. E pensei: o homem nem sequer recebe a objeção de que está se esforçando.

A objeção é uma alegação de inconsistência. Portanto, tudo o que você precisa fazer é oferecer uma teoria moral que mostre que não há inconsistência entre Deus ser todo-poderoso, todo-amoroso e totalmente justo e emitir esses mandamentos. Acho que foi isso que fiz. Aluno: Além disso, um último ponto está em Hebreus que diz que Cristo provou a morte por cada pessoa. Quando eu compartilho o Evangelho, se isso acontecer, eu compartilharia que Deus sofreu sua própria alienação em Cristo por todos. Ele sofreu o que é passar a eternidade no inferno para cada homem, mulher e criança.

É por isso que ele tinha que ser Deus, porque só Deus poderia fazer isso. Dr. Craig: Quando chegamos ao problema do mal, o problema da dor, falaremos um pouco mais sobre isso. Acho que isso é útil para lidar com o que chamo de problema emocional do mal. Acho que esse é realmente o problema para a maioria das pessoas. Não é que eles tenham aqui uma objeção intelectual que possam provar. Acontece que eles reagem emocionalmente a isso. O que você quer dizer é que estamos adorando e servindo a um Deus que não é um Criador frio e distante, indiferente e observando o sofrimento de suas criaturas.

Pelo contrário, estamos falando de um Deus que entra na história humana na pessoa de Jesus. E o que ele faz? Ele sofre. Ele sofre uma dor e um tormento que estão literalmente além da compreensão humana, e ele assume isso voluntariamente para o nosso bem e para a nossa salvação. Acho que emocionalmente isso pode tornar mais fácil suportar o cruz que muitas vezes somos chamados a carregar nesta vida quando nos lembramos de que seguimos um salvador crucificado que se entregou por nós. Aluno: Quando Deus nos deu o livre arbítrio, ele basicamente impôs uma limitação a si mesmo ao dividir o mar da terra.

A água simplesmente não ultrapassa o limite até o caso do dilúvio de Noé, quando tudo o que os homens pensam é mau e não há retorno e então Deus meio que entra e restaura isso. Isso é quase como acontece com todas as situações em que o pecado se torna tão desenfreado a ponto de não haver uma força de mudança, então ele basicamente limpa o tipo de poluição.

Então, se você chama isso de modelo consistente e Deus não é inconsistente dessa forma. Dr. Craig: Acho que isso está certo na medida em que se trata de adultos que estão sob o julgamento de Deus.

Estes exércitos israelitas eram apenas a ferramenta ou instrumento do julgamento de Deus que ele lhes aplicava. A questão difícil são os filhos, ou pensar na história de Abraão sacrificando seu filho Isaque. Esse também é um exemplo claro. Como Deus pode ordenar que Isaque vá e mate seu próprio filho?^[1] Obviamente ele o interrompe antes que ele possa fazê-lo, mas ele dá essa ordem e espera que Abraão seja obediente. A teoria do comando divino que ofereci, acho que faz sentido disso. Abraão, tendo recebido esta ordem, tem a obrigação moral de sacrificar Isaque, embora tivesse empreendido tal ação na ausência de uma ordem divina, teria sido pecado.

Teria sido errado. Aluno: Falando sobre os filhos, a Bíblia diz que o pecado do pai passou para a terceira e quarta geração. Então essas crianças crescerão em uma maldição por causa dos pecados dos pais. Então, quando digo que eles atingiram um ponto sem retorno, isso significa que a geração passada três ou quatro gerações simplesmente não tem esperança. Dr. Craig: Pode-se dizer isso no caso das tribos cananéias. Aluno: Concordo com você que Deus os estava usando para julgar, mas principalmente para o seu propósito – ele poderia ter julgado o pecado com vírus ou terremotos ou coisas assim.

Craig: Como Sodoma e Gomorra, por exemplo chover fogo sobre as cidades ou algo assim.

Aluno: Muitas pessoas não julgam os outros por medo de se julgarem. Eles têm que reconhecer que em algum momento o julgamento virá sobre mim. Então, quando você é um povo que está seguindo e tentando se aproximar de Deus, você sabe que é amoroso e ele ordena que você faça o que ele está falando em sua própria vida, você só mantém o objetivo quando vem de uma cidade do reino anterior... Jericó era. Mas quando você está em uma nação – seu povo que é descendente de Noé – que desapareceu totalmente, então você não guarda nada.

É como se você saísse do Egito e ficasse sete dias sem fermento. Depois disso, você será capaz de deixar o Senhor frutificar e multiplicá-lo, abençoá-lo e fazê-lo crescer em outras áreas. O fermento está indo muito longe. Você não deveria participar de nada que eles tinham – seus deuses ou algo assim. Fazer você fazer isso é forçar você – você apenas se apegar a Deus. Essa é a sua única esperança. Dr. Craig: Acho que você está fazendo uma observação muito boa aqui. Deus poderia ter executado seu julgamento sobre os povos de Canaã através de algum meio impessoal, como terremoto ou clima, ou algo desse tipo, e os destruído.

Mas ele não fez assim. Ele escolheu usar Israel. Por que? Eu acho que você está certo. Deus havia chamado Israel para ser um povo santo separado para si mesmo. Houve uma lição prática sobre a santidade de Deus ao usá-los como instrumento de sua justiça e ira sobre esses povos pagãos na terra – uma lição que não deveria ser negligenciada. Penso que você está absolutamente certo ao dizer que, ao apelar a Israel para ser o instrumento de sua justiça, havia uma lição prática para Israel que precisava ser ensinada aqui e não simplesmente um julgamento sobre os cananeus.

Vamos deixar outra pessoa fazer um comentário. Steve. Aluno: Então, eu só queria perguntar como você responderia, no que diz respeito à teoria do mandamento divino nos dias de hoje, às pessoas que (e não acho que haja menos de um por cento de igrejas que têm uma espécie de

filosofia batista de Westboro) dizendo que isso foi ordenado por Deus para matar essas pessoas ou fazer isso? Como você responderia dizendo que isso não está mais acontecendo? Como você responderia a alguém que lhe fizesse uma pergunta dessa natureza hoje? Dr. Craig: Este é um ponto muito bom que você está defendendo.

Aqui eu acho que o livro de Paul Copan mencionado anteriormente é muito útil – Deus é um monstro moral? O que Paulo aponta corretamente é que os israelenses viviam num estado teocrático naquela época. Não havia governante humano – Deus era o cabeça de Israel. Estas ordens que foram dadas eram exclusivas desta época e lugar da história onde havia uma teocracia – onde Deus era o chefe do governo. Mas no tempo de Jesus havia um imperador romano que era o chefe do governo. Como sabemos, Paulo em Romanos 13 diz para sermos submissos às autoridades governamentais.

Faça o que eles mandam. As leis naquela sociedade eram diferentes das do antigo Israel. Da mesma forma, o erro de pessoas como as que você mencionou é pensar que vivemos hoje em um estado teocrático, e não vivemos. Nós não somos a Nova Jerusalém. Os Estados Unidos não são o povo de Deus. Temos um governo secular e Deus não é o chefe deste governo. É um equívoco pensar que a nossa sociedade terá o mesmo tipo de leis que eram provisórias no antigo Israel. Simplesmente não há como traduzir de um para outro, dado que temos hoje um tipo totalmente diferente de sociedade cívica.

Aplicações da santidade de Deus

Vamos passar para nossa aplicação. Que aplicação o atributo da santidade de Deus tem em nossas vidas? Penso que isto é evidentemente de profunda importância para a vida cristã. Primeiro, devemos nos esforçar pela santidade pessoal em nossas vidas. A santidade de Deus nos lembra o quanto Deus odeia o pecado. Leia o livro do Apocalipse, por exemplo, sobre a ira de Deus. Esse é um lembrete muito sério do ódio de Deus pelo pecado e pelo mal. Por exemplo, Apocalipse 14:18-20 dá esta imagem aterrorizante do lagar da ira de Deus. “Ainda outro anjo saiu do altar, o anjo que tem autoridade sobre o fogo, e clamou com voz forte ao que tinha a foice afiada, dizendo: — Pegue a sua foice afiada e ajunte os cachos da videira da terra, porque as suas uvas estão maduras!

Então o anjo passou a sua foice na terra, ajuntou os cachos da videira da terra e os lançou no grande lagar da ira de Deus. O lagar foi pisado fora da cidade. E correu sangue do lagar, chegando até a altura dos freios dos cavalos, numa extensão de cerca de trezentos quilômetros.^[2]” (NAA) Que imagem horrível é esta do lagar da ira de Deus fluindo com o sangue de suas vítimas tão alto quanto o freio de um cavalo por trezentos quilômetros. Esta é uma imagem que deveria nos lembrar o quanto Deus odeia o pecado e se opõe a ele.

Um pecado manteve Moisés fora da Terra Prometida. Um pecado destruiu Ananias e Safira. O problema que acho que temos é que piscamos diante do pecado porque não achamos que ele seja tão ruim assim. Achamos que Deus é como nós, e ele simplesmente piscará para o pecado e o ignorará. O Salmo 50:21 é um versículo interessante nesse sentido. Deus está falando aqui e diz: “Você tem feito essas coisas, e eu me calei; você pensava que eu era igual a você; mas agora eu o repreenderei e porei tudo à sua vista.” (NAA) Qual foi o problema que os judeus tiveram aqui?

Eles pensavam que Deus era como eles. Eles tinham pequenos pensamentos sobre Deus. Eles não entendiam sua terrível e impressionante santidade. Então ele ficou em silêncio e eles pensaram que estava tudo bem. Mas agora ele diz que os repreende e apresenta-lhes a acusação. Dito isto, é importante lembrar que Deus não odeia você; ele odeia o seu pecado. Deus te ama. Ele te ama tanto que enviou seu Filho para morrer por você. Mas ele odeia o pecado que polui sua vida. Longe de ser algo negativo, a ira de Deus, que é uma expressão da sua santidade, é, penso eu, absolutamente vital para um conceito correto de Deus e para a vida cristã.

Stephen Davis é um proeminente filósofo cristão. Fiquei impressionado com este parágrafo em seu livro *Risen Indeed*. Ele diz: "Acho que ignoramos o conceito da ira de Deus às nossas próprias custas. Na verdade, eu defenderia a proposição radical de que a nossa única esperança como seres humanos é a ira de Deus. É também verdade, claro, que nossa única esperança é a graça de Deus, mas isso é outro assunto. A ira de Deus mostra que não vivemos, como muitos hoje supõem que vivemos, num universo aleatório e moralmente neutro. A ira de Deus mostra-nos que o certo e o errado são objetivamente reais, devem ser descobertos e não criados.

A ira de Deus é a nossa única esperança porque nos ensina o significado moral dos nossos atos e nos mostra como a vida deve ser vivida." Portanto, não tenha medo de afirmar a ira de Deus sobre o pecado. Isto é uma indicação da sua santidade e, como diz Davis, da objetividade do certo e do errado, que é a nossa única esperança no mundo. Como aqueles que são chamados a uma vida justa e santa, precisamos lutar por uma vida sem mácula. Primeira a Pedro, capítulo um, e versículos 14 a 15. 1 Pe 1.14, vamos ler até o 16: "Como filhos obedientes, não vivam conforme as paixões que vocês tinham anteriormente, quando ainda estavam na ignorância.

Pelo contrário, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem, porque está escrito: "Sejam santos, porque eu sou santo." (NAA) Devemos nos esforçar pela santidade em nossas vidas que reflita a santidade de Deus. Para viver vidas sem mácula. Aqui está o paradoxo que descobrimos e que considero uma incrível ironia ou paradoxo da economia de Deus. É que a santidade é o segredo da felicidade. Muitas pessoas querem ser felizes. Elas se comprometerão moralmente ou farão coisas que a Bíblia diz que você não deveria fazer porque, como eles dizem, eu só quero ser feliz.

Mas a verdade é que a felicidade é como um fogo-fátuo. Se você procurar isso diretamente – você tenta ser feliz – isso sempre escapará ao seu alcance e você não o encontrará. Mas se você se esforça pela santidade então, ao procurar ser santo, você descobrirá de repente que a felicidade tomou conta de você e está sobre seus ombros porque você está fazendo a vontade de Deus. Mateus capítulo seis, versículo 33, Jesus diz: "Mas busquem em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas."

(NAA) Precisamos fazer com que o foco de nossas vidas busque a santidade de Deus em nossas vidas. Eu realmente acredito que, ao fazermos isso, descobriremos que estamos vivendo uma vida profunda e profundamente feliz. A segunda aplicação é que em Cristo a santidade de Deus se torna a nossa justificação. Para aqueles que estão fora de Cristo, como acabamos de ver, a santidade de Deus é um terror terrível. É a fonte da justiça e da ira de Deus

que cai sobre as pessoas que estão separadas dele e de Cristo. Mas, ironicamente, para aqueles que estão em Cristo, a santidade de Deus torna-se a fonte da sua salvação.

Esta foi a grande visão de Martinho Lutero sobre Romanos 1:16-17. Vamos ler então Romanos 1:16-17: Paulo diz: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego. Porque a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: “O justo viverá por fé.”” (NAA) Lutero, como monge católico, estava obcecado pela santidade e pela ira de Deus que o enchia de terror. Ele se esforçou para viver uma vida santa e justa, cheia de disciplinas espirituais.

Mas ele nunca conseguiu livrar-se da terrível culpa que sentia carregar diante de um Deus santo. Ele percebeu que nunca poderia estar à altura. Apesar de todos os seus esforços, Lutero ficou cheio de terror diante deste Deus santo, até que viu que através da fé em Cristo a justiça de Deus se torna a nossa justiça. Como estou em Cristo, sua justiça me é imputada, e Deus me vê revestido da justiça do próprio Cristo. Portanto, aquela mesma santidade que uma vez me condenou agora se torna a fonte da minha salvação. Romanos 3:21-26, acho que são alguns dos versículos mais profundos do Novo Testamento – o coração do Evangelho.

E vou encerrar lendo isso. “Mas, agora, sem lei, a justiça de Deus se manifestou, sendo testemunhada pela Lei e pelos Profetas. É a justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem. Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus apresentou como propiciação, no seu sangue, mediante a fé. Deus fez isso para manifestar a sua justiça, por ter ele, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos, tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, a fim de que o próprio Deus seja justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.”

(NAA) Encerraremos com isso e responderemos às perguntas então, no próximo domingo.

Referências

Stephen T. Davis, *Risen Indeed: Making Sense of the Resurrection* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1993), p. 166.

Paul Copan, *Is God a Moral Monster?* (obra mencionada na aula; edição não especificada no original consultado).

Notas editoriais da revisão

[1] A formulação também consta do original inglês. No episódio narrado em Gênesis 22:1-2, a ordem é dirigida a Abraão, pai de Isaque. A fala foi preservada, com este esclarecimento do lapso de referência.

[2] Em Apocalipse 14:20, a NAA expressa a distância como cerca de trezentos quilômetros; a legenda portuguesa e o original inglês usam mil e seiscentos estádios. A diferença está na apresentação da unidade pela tradução bíblica, não em uma correção da fala do professor.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2015 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original:

<https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-doctrine-of-god-attributes-of-god/doctrine-of-god-part-19/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-atributos-de-deus-parte-19/>